

Perspectivas das direitas midiáticas no cone sul sobre a Revolução Cubana nos anos 1950

Ricardo Antonio Souza Mendes¹

Vários são os trabalhos que assinalam o poder simbólico que a Imprensa possui (SIDICARO, 1993; CAPELLATO, 1998; STEINBERGER, 2005). Deter o poder da palavra viabiliza a organização de um sistema de codificação que age diretamente na forma pela qual se mantém a ordem simbólica. Dentro dessa perspectiva, os periódicos agem como divulgadores, estruturadores e centralizadores das visões de mundo “da” e “na” sociedade (BARBOSA, 2007).

Na medida em que um jornal possui centralidade em sua localização e apresenta uma escala nacional quanto a circulação, observa-se a potencialização de sua capacidade de influir na construção de percepções da realidade. Não apenas perante a “opinião pública”, mas também perante outros periódicos de caráter regional ou local. É o que McCombs denomina por “agendamento intermídia” (2009).

Neste artigo busco analisar alguns dos trabalhos que apresentam como a direita midiática², em especial os periódicos *La Nación*, *El Mercurio* e *O Globo* - elaborou suas representações acerca da Revolução Cubana. A perspectiva aqui presente leva em consideração que a imprensa, mais do que um instrumento nas mãos de determinados atores políticos, caracteriza-se por ser ela mesma um ator de relevância que se utiliza dos recursos que dispõe para fazer valer seus interesses políticos, econômicos e ideológicos (BORRAT, 1989; SIDICARO, 1993).

A imprensa de direita na Argentina, Chile e Brasil e a Revolução Cubana

Nos anos 1950, o processo revolucionário vivido pela sociedade cubana repercutiu fortemente em toda a região, mas não de forma imediata. Ainda que dentro da cronologia sobre a Revolução o “Assalto ao Quartel de Moncada” (1952) e o “Desembarque do Gramma” (1956) guardem um papel fundante no seu desenvolvimento, esses acontecimentos não se apresentaram impactantes nem na mídia norte-americana nem nos periódicos latino-americanos. Isso pode ser explicado pelo fato de que, naquele momento, a contestação à Batista estabelecia como alvo da confrontação as elites oligárquicas cubanas e não os Estados Unidos, conforme indica o Programa de Moncada (AYERBE, 2004). Ainda em 1957, mesmo que o M-26-07 já tivesse adquirido certo destaque, a busca pela unificação de inúmeros grupos que combatiam o governo aponta para um embate descentralizado³.

¹ Pós-Doutor com bolsa FAPERJ na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Doutor com bolsa CAPES em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestre em História com bolsa CNPq na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor Associado do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenador do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Política (PPGH-UERJ).

² Utilizo aqui o termo “direita midiática” tendo como referência alguns pressupostos elencados por Sofia Correa Sutil (2011) ao abordar o papel do jornal *El Mercurio* no cenário político chileno. Ao analisar as direitas no Chile ao longo do século XX a autora aponta para uma diferenciação dentro desse segmento político: a direita partidária, a direita empresarial e *El Mercurio*. Essa abordagem se calca na existência de uma clara autonomia do periódico, concebendo-o como um ator que busca interferir diretamente nas disputas pela elaboração de uma dada percepção de realidade bem como na ação direta dos fatos. Para além da questão da autonomia, concebendo esse segmento não apenas como mero instrumento nas mãos dos demais atores, Sutil aponta que a direita midiática identifica-se com os valores e interesses gerais dos segmentos dominantes. Busca, assim, exercer um papel de direção ideológica na “calidade de portavoz de los intereses generales de classe, a la vez como uno de los instrumentos mas eficazes que la derecha há tenido em sus estratégias de acercamiento y cooptacion de los sectores médios reformistas” (2004, p. 63). Ainda que com algumas diferenças, essa perspectiva também está presente nas análises feitas por Ricardo Sidicaro (1993) e Patto Sá Motta (2013) quando de suas avaliações sobre os periódicos *La Nación* e *O Globo*. Javiera Castro (2014), atribui o termo à Sofia Correa.

³ Dentre as forças que faziam oposição ao Governo Batista cito o Movimento Nacional Revolucionário (MNR), o Diretório

De uma forma ou de outra, a Revolução delimita o fim de um período que Donghi denominou por *pax monroviiana* utilizando-se das palavras de Richard Morse. Esta, por sua vez, teria sido caracterizada pelo não questionamento da hegemonia norte-americana. Ainda na perspectiva de Donghi,

Sua consequência mais óbvia foi o surgimento de movimentos que tentaram seguir o exemplo cubano; uma outra consequência, menos direta, foi o fortalecimento em nível continental de uma frente contra-revolucionária controlada pelos setores mais hostis a qualquer mudança – revolucionária ou não – da ordem vigente (DONGHI, 1975, p. 270).

O questionamento da estrutura socioeconômica vigente na Ilha pelos revolucionários cubanos soou como um alarme para setores das elites então enquistadas no poder. As análises sobre a forma pela qual a direita midiática no Cone Sul se comportou em relação à esse evento indicam a existência de diferentes trajetórias na forma de narrar a luta que se desenvolveu entre 1956 e 1958 e os embates travados, a partir de 1959, pelo novo governo.

Salas afirma que o movimento peronista considerava *La Nación*⁴ como o efetivo representante de setores comprometidos com a contenção dos movimentos sociais (2003, p. 19). Navarro e Palermo, por ocasião do golpe que estabeleceu o *Proceso de Reconstrucción Nacional*⁵, assinalam que *La Nación* foi um dos principais defensores da intervenção civil-militar e um dos únicos jornais a representar a ortodoxia “processista” ao longo desse período (2003, p. 58).

Autores diversos apresentam *La Nación* como um jornal representativo de um segmento específico dessas direitas, o liberal-conservadorismo (VITALE, s/d; HEREDIA, 2000; BOHOSKAVSKY e VICENTE, 2014; SIDICARO, 1993; e, AELO E BRANDA, 2009). Para Heredia, esse jornal foi o espaço através do qual se manifestavam intelectuais liberais conservadores que difundiam a nostalgia “por el orden perdido y la apelación a los hitos fundantes de la República, rasgos distintivos del pensamiento liberal local” (HEREDIA, 2000, p. 116).

Bohoslavsky e Vicente (2014), ainda enquadrando *La Nación* como um periódico liberal-conservador, situam essa perspectiva ideológica caracterizada por uma visão negativa quanto às implicações do processo de modernização, combatente de “todo aquello que asociaban con lo malvado o lo indigno: homosexualidad, izquierdismo, consumo de drogas, contracultura, abuso sexual, holgazanería, etc.” (2014, p. 10). No mesmo caminho vai o trabalho pioneiro de Sidicaro assinalando que, dada a inexistência de um partido político, clube intelectual, ou mesmo círculo de reflexão que assumisse o papel de difusão em larga escala do liberalismo conservador, *La Nacion* assumia esse papel (SIDICARO, 1993, p. 521).

Quanto ao chileno, *El Mercurio*⁶, o jornal é apresentado como “el vocero más tradicional de la derecha” (Yochevsky, 2002, p. 95). Alberto Aggio o via como o principal jornal desse segmento político (1996, p. 22) e, para Sofia Correa (2011), o projeto de implementação da missão Klein and Saks foi fruto da pressão exercida por esse jornal. O periódico desempenhou um papel fundamental no plano político e sob o manto de um

Revolucionário Estudantil (DRE) e a Organización Auténtica (O/A). Além disso, o próprio M-26-7 possuía suas divisões internas (MENDES e CALEGARI, 2015, p. 368)

4 O jornal teve sua primeira edição em 04 de janeiro de 1870, fundado pelo então ex-presidente Bartolomé Mitre. Produzido em Buenos Aires, o periódico possuía circulação nacional e destaque desde princípios do século XX, com uma produção de cerca de 18 mil exemplares (ZIMMERMAN, 1998, p. 47).

5 Denominação dada à ditadura civil-militar estabelecida na Argentina entre 1976 e 1983.

6 O periódico foi fundado em 1900 pelo empresário e banqueiro Augustin Edwards M, com seu primeiro número editado em junho de 1900. Publicado em Santiago do Chile, o jornal possuía relevância e nível de circulação nacional (SOTO, 2003, p. 19). Segundo Sutil *El Mercurio* era “el principal y más influyente diario del país” (SUTIL, 2005, p. 61). Nos anos 1970 o periódico era responsável cerca de 20 % da produção de exemplares diários no Chile (SANTOS, 2016).

jornalismo neutro, apresentou a proposta liberal como a única saída para o país. O envolvimento de *El Mercurio* nessa defesa, colocando-o como um dos pioneiros na difusão do neoliberalismo desde 1955, também é apontado por Soto. Representante do “conjunto de la elite dirigente del país” (SOTO, 2003, p. 29) segundo o autor, a identificação de *El Mercurio* com o liberalismo econômico seria resultante de sua defesa de “uno modo de vida de respecto a las prerrogativas de las personas y sus derechos individuales”, da perspectiva do jornal de que a empresa privada seria o único caminho de defesa efetiva da democracia (IBIDEM, 41-44) e de seu profundo anticomunismo.

E no caso do brasileiro *O Globo*⁷, esse se caracterizava pela postura francamente antirreformista que possuíam as empresas controladas pelos Marinho no pós-Segunda Guerra Mundial. O periódico compunha, junto com a editora do mesmo nome e, posteriormente, a *Rede Globo de Televisão*, as organizações Globo. As duas primeiras organizações apresentaram, inclusive, vínculos com os principais institutos que congregavam empresários interessados na contenção tanto “da ameaça comunista” como do desenvolvimento de transformações questionadoras do *status quo* na sociedade brasileira: o complexo multinacional-associado IPÊS-IBAD⁸. Segundo Venício, o jornal foi participante ativo da “Rede da Democracia”⁹ e, junto com outros periódicos, fez campanha aberta contra o governo constitucionalmente eleito de Jango desde 1963.

Além disso, o periódico teria mantido apoio sistemático ao regime. Patto Sá Motta (2013) assinala que *O Globo* foi dos poucos jornais a não questionar a intensificação da censura e da legislação autoritária, apoiando “decididamente” o movimento de 1964 e compartilhando o termo “revolução” com o qual diversos participantes do golpe nomeavam o “01 de abril”. Reivindicava, ainda, que o movimento seria também “obra sua”. Indica o autor que, na perspectiva da política conceitual, eram liberais, mas prontos a tecerem concessões ao autoritarismo. Nesse sentido, para Motta seria um liberalismo autoritário. Tal qual o periódico chileno *El Mercurio*, concebia que a liberdade democrática se circunscreveria na existência da propriedade privada e da liberdade de expressão dos jornais. Essa perspectiva é distinta da defendida por Magnolo que, observando o posicionamento do jornal em dois momentos específicos, quando da morte de Vargas e da deposição de Jango, considera que “*O Globo* sempre tendeu para o lado conservador, seguindo também o tradicionalismo católico”. Nesses dois momentos o periódico teria defendido valores nitidamente conservadores e de extrema direita (MAGNOLO, 2016, p. 10).

Em suma, os jornais em questão apresentam-se associados às direitas por sua defesa intransigente da manutenção do *status quo* e, por desdobramento, tanto por sua concepção restritiva de vida política quanto pela defesa da contenção dos movimentos sociais nos anos 1950 e 1960. Além desses aspectos, podem ser apontados como situados nesse campo político por naturalizarem a existência das diferenças sociais e vincularem sua perspectiva de liberdade à propriedade privada. Em comum, apresentavam que o espaço da política deveria ser reservado às elites. Antirreformistas, nos anos 1960 entendiam que qualquer ataque às estruturas segregadoras que caracterizavam Brasil, Argentina e Chile seria fruto da ação do comunismo internacional orquestrado pela União Soviética. O anticomunismo desses periódicos apresentava que o direito “inalienável” à propriedade seria o símbolo máximo da liberdade política, econômica e social, com a liberdade de expressão consubstanciada no direito que os periódicos possuíam de manifestarem-se sobre a política. Nesse sentido, buscavam se apresentar como protagonistas de relevo no cenário político brasileiro, argentino e chileno.

7 Fundado em 1925 pelo jornalista Irineu Marinho, então um dos donos do Jornal *A Noite*. Publicado no Rio de Janeiro, o jornal, segundo Marinalva Barbosa, passou a possuir um grande poder de difusão em função do número de tiragens e de sua influência política. No entanto, ambos somente seriam adquiridos nas décadas de 1940 e 1950, quando o número de exemplares vendidos passou os 110.000 (BARBOSA, 2007, p. 109 e 154).

8 O Complexo Multinacional Associado – denominação dada por Dreifuss (1981) – congregava setores empresariais reunidos no Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPÊS) e no Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD). Junto com a Udn lacerdista e setores das direitas das Forças Armadas, foi um dos principais articuladores do movimento civil-militar de 1964 (MENDES, 2021)

9 Cadeia de emissoras de rádio criada em outubro de 1963 comandada pelas rádios Tupi, Globo e Jornal do Brasil e retransmitida pelo país. Seu fundador, João Calmon, era vice presidente do Diários Associados e deputado federal pelo PSD.

La Nacion e o caso argentino

Para o caso argentino, alguns trabalhos apontam a existência de uma perspectiva inicial positiva das direitas midiáticas acerca da Revolução Cubana. Zamorano (2005), Donghi (2000), Salas (2003), Hudson (2015), Romero (2006) e os trabalhos coletivos elaborados por Bohoslavsky e Vicente (2014), bem como o de Fausto e Devoto (2004) abordam tangencialmente essa questão. Já autores como Sidicaro (1993) e o artigo elaborado em conjunto por Aelo e Branda (2009), tem como objeto central os periódicos argentinos, ainda que o primeiro dedique uma parte pequena de sua obra ao impacto da Revolução Cubana no periódico *La Nación*.

Zamorano indica que a vitória de Castro foi vista com bons olhos pelos partidos “demoliberales de Latinoamerica” em uma época em que “existia un rechazo generalizado contra los dictadores ‘cruels y fascistoídes” (2005, p. 46). Donghi, por sua vez, observa que no ano de 1959 “la prensa antiperonista celebraba el triunfo de la revolución cubana, con la que creia tener tanto en común” (2000, p. 126). Porém, afirma, a situação modificou-se lentamente com a crescente campanha que apontava “exhaustivamente la infiltración cubana en la política argentina” como parte de uma conspiração comunista internacional (2000, p. 126). E isso tão somente a partir de meados de 1960, quando “la tensión política volveria a agudizarse en la Argentina” onde “sobraban factores internos y exteriores que empujaban a una polarización creciente” (IDEM, p. 122). Vitórias eleitorais com base em um discurso fundado no exemplo da Revolução Cubana e a proliferação desse discurso teriam deixado alarmados os setores mais conservadores da direita nesse momento, segundo o autor.

Pela mesma seara segue Hudson (2015). Ainda que a doutrina do inimigo interno calcada na noção de “guerra revolucionária” ou “guerra insurreccional” já tivesse dado seus primeiros passos dentro da caserna, o autor entende que o pânico comunista se instaurou somente “cuando se inaugura una nueva vía hacia el socialismo en Cuba” a partir de abril de 1961. Segundo Hudson, a política externa do governo Frondizi¹⁰, caracterizada por certa autonomia das pressões internas e das diretrizes norte-americanas para a região, foi fruto da perspectiva de que a ameaça comunista era resultante do subdesenvolvimento, o que o levou a questionar a intenção norte-americana de fornecer capitais para escolas e hospitais em vez de direcionar para obras de infra-estrutura. O então Presidente também buscou uma postura de mediação entre EUA e Cuba tentando uma solução pacífica para crescente tensão entre os dois países.

Em relação à Revolução Cubana o autor nada comenta sobre o impacto na imprensa Argentina da chegada de Fidel ao poder ou sobre os anos de luta entre 1956 e 1958. Em um curto espaço de tempo, contudo, os acontecimentos da Ilha ganhariam maior dimensão na imprensa e o perigo vermelho ultrapassaria em importância a ameaça peronista. E assinala:

El impacto de la Guerra Fría en la política doméstica, y particularmente desde el caso cubano, es un elemento que viene siendo subestimado en las explicaciones formuladas por la historiografía argentina, es momento de comenzar a revertir este panorama (HUDSON, 2015, p. 15).

Ainda que Romero, ao avaliar o mesmo contexto, dê relevância a ocorrência de 32 levantes militares ao longo dos quatro anos de governo de Frondizi (1958-1962), indicando que as tendências pretorianas das Forças Armadas teriam se cristalizado já com a Revolução Cubana (2006, p. 144), para o autor teria sido somente após a entrevista secreta de Frondizi com Guevara (em agosto de 1961) e na sequência da abstenção

10 Presidente Argentino entre 1958 e 1962. Apesar de apresentar um discurso de centro esquerda adotou políticas liberais-conservadoras para sair de impasses econômicos em 1958 e 1962, assim como inaugurou estratégias repressivas de extrema-direita fundadas no Plan de Comoción Interna (Conintes). Esse Plano visava reprimir “ações terroristas” perpetradas por “cúmplices da subversão” nesse momento (ROMERO, 2004, p. 155).

argentina na Conferência de Punta del Este que expulsou Cuba do sistema interamericano (1962), que a Revolução passaria a ser enfocada pelo viés do anticomunismo. A aversão ao comunismo estaria profundamente presente na direita militar, nos liberais antiperonistas e na Igreja Católica. Seja a partir de 1960 (Donghi), 1961 (Hudson) ou mesmo de 1962 (Romero), esses autores apresentam que o olhar negativo proporcionado pela vinculação entre os eventos na Ilha e o comunismo não teria sido imediato.

No entanto, alguns autores assinalam que essa associação já estaria a se manifestar mesmo em fins de 1958. Fausto e Devoto lembram que a partir desse ano, e diante de um cenário de intensa mobilização social e da resistência peronista, pressionado ainda pelos grupos radicalmente anticomunistas e por militares, o governo Frondizi aprovou o Plano *CONINTES*. Culminando as orientações que militares franceses com larga experiência na Argélia prestaram nos cursos da *Escuela Superior de Guerra* (Zamorano, 2005, p. 27) a sua implementação estaria relacionada com a crescente vinculação entre a Revolução Cubana e o comunismo.

Bohoslavsky e Vicente (2014), analisando o anticomunismo entre 1955 e 1966 vão na mesma direção ao indicar que o ponto de inflexão que coloca em destaque o comunismo como questão central se situa a partir do momento em que o Estado argentino passou a ter maiores atribuições no combate ao comunismo. Cronologicamente, os autores estão se referindo aos anos de 1958 e 1959, fase inicial do governo Arturo Frondizi e momento de elaboração do Plano acima citado. Seria, portanto, quando as Forças Armadas passaram a ter como atribuição central a manutenção da ordem¹¹. Afinal, um dos objetivos do Plano seria a avaliação da existência de uma associação entre castrismo e comunismo naquele momento.

Com ênfase na abordagem pela qual a imprensa interpretou e difundiu imagens acerca da Revolução Cubana, identifiquei poucos trabalhos que tratassem especificamente do periódico *La Nación*. Dentre esses, a obra de Sidicaro (1993) e o artigo de Aelo e Branda (2009). Sidicaro aborda em seu livro a trajetória discursiva do periódico argentino ao longo do século XX, destinando à questão aqui desenvolvida poucas páginas. Tal qual boa parte dos autores acima citados que analisam a questão de forma tangencial (Zamorano, Donghi, Salas, Hudson, e Romero), para Sidicaro *La Nación* teria recebido com otimismo os eventos revolucionários. Abordando fundamentalmente os editoriais do jornal¹², o autor indica que mesmo antes da chegada ao poder dos “barbudos revolucionários”, o periódico já apresentaria uma “abierta simpatia” a luta pela deposição de Batista” (SIDICARO, 1993, p. 276).

La Nación estabelece uma comparação entre Fidel, e o papel por este desempenhado em Cuba, com Aramburu y Rojas, personagens responsáveis pela deposição de Juan Perón em 1955. Nos dois casos, citava o jornal, os personagens apresentavam-se como protagonistas da libertação de uma ditadura. Nesse sentido, comparam Perón à Batista. A realização de greves organizadas pelo movimento cubano é vista com simpatia, sendo assinalado que a adesão dos trabalhadores ao movimento revolucionário seria espontânea e não por medo, tal como teria se dado na Argentina de Perón.

Segundo Sidicaro, o jornal argentino analisa de forma positiva até mesmo as estratégias violentas adotadas em Cuba para viabilizar a queda do ditador cubano. De forma elogiosa, apontava os sacrifícios dos rebeldes, “recordaba con acento épico los atentados personales, los actos de sabotage y los asaltos a los cuarteles, les deseaba el mayor de los éxitos, en la tarea de restablecer la democracia (Idem, p. 276). Fidel e o governo

11 Contraditoriamente, os autores em questão afirmam que a grande imprensa liberal-conservadora (*La Nación* e *La Prensa*) apresentou uma ênfase cada vez maior no comunismo não como um problema de subdesenvolvimento, mas de segurança nacional, no momento que a proposta da *Aliança Para o Progresso* se desfigurou com a morte de Kennedy, portanto a partir de 1963. Nesse sentido, esses últimos ora apontam que a relação entre comunismo e Revolução Cubana é anterior à chegada ao poder dos rebeldes barbudos e contemporâneo ao desenvolvimento do *Plan de Comocion Interna*, ora indicam que essa relação se estabeleceu somente alguns anos depois.

12 A opção pelos editoriais, segundo Sidicaro, resulta de sua perspectiva de que esses eram a expressão oficial de uma publicação, e apresentavam um verdadeiro tratado de pensamento político (OP.CIT, p. 8).

revolucionário seriam, nesse momento, defensores da democracia e exemplos a serem seguidos. De acordo com Sidicaro (1993), nos editoriais Castro e seus seguidores eram vistos ainda com admiração e simpatia, sendo responsáveis pela fundação de “um estilo latinoamericano de la esperanza” (IDEM, p. 29). Quando da visita de Castro na Argentina, em 1959, *La Nación* o designou como um “héroe de nuestro tiempo”, com um texto extremamente “laudatório”.

Nas páginas do *La Nación* os “Jovens Barbudos”, não teriam nenhuma vinculação com a difusão do comunismo na América Latina, responsabilidade que era atribuída a estudantes e professores das “casas de altos estudos” (Idem, p. 277) Esse temor quanto a um possível envolvimento cubano com o comunismo e sua difusão na Argentina apareceria somente mais tarde segundo Sidicaro. O medo do crescimento da influência política do marxismo, que segundo o autor “coincidia, en la época, com las preocupaciones de otros actores que comenzaban a crear entidades anticomunistas”, já estava em desenvolvimento. A proibição do Partido Comunista Argentino em 1959 teria sido, inclusive, elogiada pelo jornal. Quanto a Fidel, o periódico assinalava ser ele um paladino da democracia, um “héroe de nuestro tiempo”. No máximo, tecia considerações e convocava Fidel à reflexão quanto à algumas decisões que considerava equivocadas.

Segundo Sidicaro, a mudança quanto ao entusiasmo do jornal teria ocorrido a partir de julho de 1960, com a questão da “valija cubana”¹³. O caso teria gerado uma reação do periódico reclamando de ingerência cubana nos assuntos argentinos, com Cuba se convertendo paulatinamente em ‘cabeça de ponte’ do comunismo na região. No entanto, a lógica ainda era de que a difusão do comunismo seria fruto da miséria da região e não da ação estrangeira. Em janeiro de 1961, contudo, ocorreu a “irreversibilidade de la cuestión cubana” nos editoriais do Diário, rendendo-se então *La Nación* ao que afirmava serem as evidências (SIDICARO, 1993, p. 289). Ainda que Sidicaro **não** tenha apontado o motivo para essa mudança, um olhar sobre a cronologia da Revolução sugere que a posição do periódico seguiu a sequência do rompimento das relações diplomáticas entre a Ilha e os Estados Unidos, ocorrido em janeiro do mesmo ano. O autor, contudo, não chega a abordar que atributos foram conferidos ao movimento e aos “jovens barbudos” e de que forma a perspectiva negativa foi sendo construída.

Se Sidicaro aborda preferencialmente os editoriais, Aeda e Branda utilizam-se de uma gama mais ampla de notícias veiculadas pelo *La Nación* que, por vezes, repercutia até mesmo notícias de outros periódicos fornecidas pelas agências noticiosas¹⁴, bem como por correspondentes internacionais¹⁵. O principal deles: Jules Dubois. As reportagens utilizadas na análise dos autores são aquelas produzidas após a chegada de Fidel ao poder: janeiro de 1959.

Segundo os autores, o periódico apresenta uma transformação na percepção que elabora sobre a Revolução Cubana. Quanto a essa questão, tal como Sidicaro, identificam a existência de etapas distintas desse “olhar”, mas com a existência de três, e não dois momentos específicos. Uma fase de euforia, a etapa de decepção e, por último, uma fase de condenação da Revolução e suas lideranças. Da mesma maneira, coincidem com Sidicaro

13 Aedo e Branda, Steinsleger e Juan Bozza indicam que a data relativa às cartas cubanas é outubro de 1961 e não julho de 1960. Nesse sentido, teria ocorrido um equívoco por parte de Sidicaro. O evento foi denunciado pelo correspondente internacional do jornal *La Nación* Jules Dubois, e referia-se a papeis cubanos que teriam sido extraídos da embaixada desse país em Buenos Aires e que indicariam a existência de um complô cubano articulado com alguns personagens argentinos tais como John Cooke (peronista mais a esquerda). O caso da “Valija” foi uma armação descoberta quase que de imediato. Dubois, presidente da Comissão de Liberdade de Imprensa de Expressão e Informação da Sociedad Interamericana de Prensa (SIP), foi correspondente estrangeiro de diversos periódicos e atuou visivelmente como agente da CIA na referida organização, transformando-a num instrumento dos interesses políticos norte-americanos. Sobre o assunto ver: MENDES e VENTAPANE, 2019.

14 Segundo Juan Somávia, os critérios de seleção das notícias são determinados “consciente ou mecanicamente” pelos interesses políticos e econômicos do sistema transnacional e dos países onde tal sistema tem suas raízes”(SOMÁVIA, 1980, p. 40).

15 No entanto, os autores não especificam a maior parte das notícias empregadas, deixando uma lacuna quanto a indicação se eram editoriais, elaboradas por correspondentes ou diretamente de agências noticiosas. Quanto aos eventos ocorridos em Cuba e os conflitos com os Estados Unidos, a função interpretativa coube em grande medida à Dubois.

(1993) quanto ao ambiente que caracterizava aqueles anos: um contexto de defesa da democracia e de combate a ditadores latino-americanos.

Na primeira etapa, como motivos da euforia desfrutada pelo periódico, indicam a valorização do jornal quanto ao papel moralizador da Revolução e a relevância que possuía quanto à luta contra as ditaduras. Os autores identificam, tal qual Sidicaro, a associação feita pelo jornal entre a ditadura de Batista e o governo Perón, indicando também que o papel desempenhado por Castro se assemelhava ao dos militares argentinos que haviam deposto o ex-presidente argentino.

A análise de Aelo e Branda, no entanto, assinala a existência de uma série de ressalvas ao governo recém-estabelecido na Ilha por parte de *La Nación* que não são identificadas por Sidicaro. A pluralidade da composição da frente do novo governo Cubano colaboraria para a fragilidade da frente democrática que havia sido composta. A coexistência de um governo “civil” do Presidente Urrutia com o governo militarizado de Fidel Castro seria outra questão posta. Apesar da euforia em relação à vitória sobre mais uma ditadura, o periódico reproduzia reportagens de outros jornais que questionavam a ênfase dada por Castro na cruzada democrática por ele empreendida. Segundo os autores, parte de uma luta caracterizada pelo “incipiente internacionalismo anti-dictatorial”¹⁶ (AELO e BRANDA, 2009, p. 111).

A segunda etapa, segundo os autores, compreende o período entre julho de 1959 e janeiro de 1961. Identificada como etapa da “decepção”, teve início com a crítica à atitude dos empregados de periódicos cubanos que inseriam artigos em defesa da Revolução quando esses periódicos apresentavam publicações questionadoras dos rumos do novo governo. Segundo Aelo e Branda, uma posição corporativa adotada pelo jornal argentino sob argumento de que esse procedimento feria o direito de propriedade dos donos dos jornais e minavam a liberdade de imprensa. Nesse aspecto, mais uma vez comparavam os acontecimentos cubanos com os que haviam ocorrido ao longo do governo Peron, quando das atitudes de cerceamento da imprensa por parte do Presidente Argentino ao longo de seu governo. Outras questões que se colocavam para o periódico foram a existência de um excesso de medidas igualitárias e a crescente adoção de um nacionalismo com ares de comunização. No entanto, ainda assim o periódico teria adotado uma posição de não associar o movimento ao comunismo internacional naquele momento.

Essa etapa, segundo os autores, aponta para a ampliação das reservas feitas ao governo dirigido por Manuel Urrutia Lléo, do qual Fidel era o Primeiro-Ministro. Ainda que o conjunto de questionamentos se ampliasse. *La Nación* ainda estaria a apostar na possibilidade de que o governo do M-26-07 se reaproximasse de Washington. De acordo com essa perspectiva, colaborava para isso o tratamento dispensado pelo governo norte-americano à Ilha, que publicamente assinalava não estar completamente convencido de que o comunismo dominasse a “realidade cubana”. E nesse sentido, o periódico acompanhava a perspectiva norte-americana.

A mudança quanto ao posicionamento acerca da Revolução Cubana somente tornou-se predominante após o rompimento das relações diplomáticas entre EUA e Cuba, etapa que é denominada pelos autores de “Condenação”. Segundo Aelo e Branda (2009), a adesão de Cuba ao socialismo, ocorrida em abril de 1961, não foi editorada pelo Jornal. Mas a perspectiva negativa sobre a Revolução já estaria efetivamente definida: “Ciertamente, la condena del diario fue de la mano con la ruptura de relaciones diplomáticas resuelta por la administración norteamericana con la República Cubana” (2009, p. 119).

No entanto, a condenação somente teria se consolidado após o caso da “valija cubana”¹⁷. Nesse sentido, se as insinuações de *La Nación* em relação à crescente comunização do governo cubano se ampliam na segunda fase, é tão somente após o rompimento diplomático entre EUA e Cuba, na terceira etapa, que as interpretações do periódico asseveram de forma contundente a comunização do regime.

16 Entendo que essas diferenças eram fruto do tipo de material selecionado para análise. Em Sidicaro, os editoriais. Em Aelo e Branda, reportagens oriundas das agências de notícias e de correspondentes estrangeiros.

17 Aqui o episódio é apresentado pelos autores como tendo ocorrido em outubro de 1961

Entendo que o artigo apresenta uma perspectiva que se assemelha àquela desenvolvida por Sidicaro quanto a uma mudança de avaliação em relação à Revolução em Cuba. De um olhar eufórico teria migrado para uma condenação absoluta. No entanto, as etapas apresentam-se com recortes distintos¹⁸. Um olhar negativo irreversível afirma-se para Sidicaro quando do rompimento das relações diplomáticas entre Cuba e os EUA em janeiro de 1961. Se em Aelo e Branda (2009) a declaração de Fidel quanto a adesão ao socialismo foi recebida de forma indiferente, não tendo sido nem mesmo editorada, para Sidicaro (1993) a recepção teria sido marcada pela “histeria”.

A ausência de clareza quanto à documentação utilizada, indicando reportagens sem assinalar se eram editoriais, oriundas de agências de notícias ou de outros periódicos problematiza um pouco as conclusões a que chegam os autores. Além disso, no trabalho de Aelo e Branda há um desequilíbrio nas referências as reportagens em relação aos três períodos, com uma quantidade mais expressiva em relação à etapa de “euforia”¹⁹.

Chile e o El Mercurio

Quando o país em questão é o Chile, analisar a recepção da direita midiática à Revolução Cubana é abordar o período que corresponde ao governo de Jorge Alessandri²⁰. Sustentado pela coalizão dos Partidos Liberal e Conservador, mesmo diante da incorporação do Partido Radical²¹ à essa base política, ainda assim pode ser considerado como situado à direita política (CORREA, 2011)²².

Poucas são as considerações presentes na bibliografia que aborda os anos 1950 e 1960 acerca da forma pela qual o principal periódico representante da “direita midiática” no Chile – *El Mercurio* -, registrou e interpretou os acontecimentos revolucionários cubanos. Observando-se o trabalho de Soto (2003), uma das principais obras a abordar a trajetória do jornal entre 1950 e 1970, a “questão cubana” só é brevemente comentada na introdução, quando o autor faz referência à receptividade latino-americana aos eventos:

Sin embargo, tras la Revolución Cubana de 1959 la hegemonía estadounidense se vió cuestionada, el cariz antinorteamericano y el manifiesto desequilibrio socioeconómico del continente, hicieron que Cuba fuera mirada con simpatía por amplios sectores latino-americanos. (SOTO, 2003, p. 11).

Huerta, (1982) em abordagem que analisa o impacto da Revolução no Chile, assinala a existência de manifestações iniciais favoráveis ao fim da tirania de Baptista citando brevemente o posicionamento de jornais liberais como *La Unión de Valparaiso* e *El Mercurio*. O “triunfo espetacular” da Revolução teria atraído a atenção da imprensa. A recepção positiva dessa direita midiática teria sido fruto da perspectiva de que a derrota

18 Em Sidicaro, a euforia teria se desenvolvido até julho de 1960. Já em Aelo e Branda, se encerra já em julho de 1959 por conta dos aspectos relativos aos periódicos cubanos, algo nem mesmo comentado por Sidicaro.

19 Reportagens em grande quantidade em janeiro, fevereiro, março, maio, junho, julho e outubro de 1959. Daí pula para setembro de 1960 e na sequência janeiro/1961. Depois abril/1961, agosto e outubro/1961 e dezembro/1961. Em vários casos acaba por não especificar a origem das notícias.

20 Jorge Alessandri governou o Chile entre 1958 e 1964..

21 O Partido, segundo a historiografia chilena, situa-se no centro do sistema político.

22 Esse governo se baseava numa aliança dos partidos Liberal e Conservador, situados à direita política e a incorporação dos centristas Radicais deu-se nos anos 1960, quando buscou ampliar a até então estreita vantagem que possuíam diante da oposição parlamentar.

de Batista representava mais um passo na direção da afirmação da democracia. Nesses jornais os vínculos entre o tirano e os comunistas cubanos são valorizados como instrumento, inclusive, para associar o Partido Comunista Cubano a uma ditadura, apesar de esses vínculos dizerem respeito ao governo de Batista nos anos 1940.

Na perspectiva de Huerta, com base em uma quantidade ínfima de reportagens, as críticas ao movimento rebelde cubano rapidamente sucederam o entusiasmo inicial fundadas no questionamento da violência do novo governo. Segundo afirma, isso teria sido provocado pelo estabelecimento dos julgamentos ocorridos em La Cabaña entre janeiro e abril de 1959 contra os colaboradores do governo deposto. Considera, o autor a que a admiração pela Revolução logo teria sido suplantada pelo assombro com as condenações e execuções ocorridas (HUERTA, 1982, pp. 119 e 120).

Ainda que se acentuassem as críticas ao movimento cubano a partir do segundo semestre de 1959, teria sido somente a partir de janeiro 1960 que *El Mercurio* teria passado a considerar que o triunfo de Castro “no há hecho sino cambiar una dictadura por otra, com el agravante de la tendencia comunizante del gobierno” (Idem, p. 124). O rompimento das relações diplomáticas entre Cuba e EUA é abordado muito lateralmente. Nenhuma consideração acerca do papel das agências de notícias, de correspondentes estrangeiros ou mesmo do agendamento intermídia é assinalada.

Um dos únicos trabalhos a avaliar essa questão de forma mais central e com uma quantidade mais considerável de artigos, foi elaborado por Javiera Castro (2014). A proposta da autora é identificar os recursos retóricos e teóricos utilizados pela direita midiática com o objetivo de compreender as características de seu anticomunismo ao longo do período compreendido entre 1958 e 1962. Assim mesmo, o foco se apresenta disperso pela análise de diversos periódicos além de *El Mercurio*, tais como os jornais *El Diario Ilustrado* e *La Nación* do Chile, ambos também situados na direita midiática. Além disso, o mesmo trabalho também aborda a direita político-partidária.

Para Javiera Castro, influenciado pela atmosfera de valorização da democracia que pairava no ambiente latino-americano, os periódicos da região apresentavam uma tendência “por las noticias de carácter político-democrático, las cuales destacan el valor de las libertades” suscitadas por essa forma de regime e, por conseguinte, “manifestaban su apoyo a los pueblos que luchaban en contra de sus dictaduras” (2009, p. 5). A deposição de Fulgêncio Batista estaria no meio de um movimento geral de combate às ditaduras da região iniciado com a deposição de Pérez Jiménez (IDEM, ibidem).

A autora, tal como em análises sobre o posicionamento da direita midiática nos casos argentino e brasileiro, assinala a ocorrência de uma variação no posicionamento dos jornais quanto aos acontecimentos cubanos. Segundo ela

el anticomunismo fue un agravante significativo en el proceso de cambio del imaginario de las derechas respecto al caso cubano. Si bien éste no marcó el inicio de la imagen negativa sobre Cuba, es importante señalar que el tipo de régimen político siempre fue relevante para calificar positiva o negativamente los procesos, puesto que era un importante recurso de deslegitimación de lo que las derechas consideraban la peor forma de gobierno, la comunista. (Idem, p. 3).

Nesse sentido, inicialmente a representação do periódico teria sido positiva em relação aos eventos cubanos nos três jornais analisados pela autora. Fidel aparece como um libertador da ditadura Batista e uma liderança perspicaz pelas estratégias adotadas no confronto. Greves, sabotagens, bloqueios e a utilização da mídia como instrumentos de luta são valorizadas. Políticos conservadores teriam, inclusive, apresentado que essa seria uma violência reativa à forma de fazer política de Batista.

Analisando em bloco os três periódicos, Javiera Castro se utiliza na maior parte vezes de citações do periódico *El Diálogo Ilustrado* quando aborda o ano de 1958. Mas quando a atenção se destina aos primeiros meses do ano de 1959, Javiera Castro se utiliza de uma quantidade maior de notícias emitidas por *El Mercurio*. E com base nesse material considera que a abordagem da temática da violência ao longo da Revolução, ainda que tolerada no ano de 1958 modificou-se para o ano subsequente. A violência das execuções ocorridas em La Cabaña, segundo a autora, teria dado início à uma mudança de perspectiva, com as primeiras críticas dirigidas aos revolucionários. A dureza de tratamento com os antigos participantes do governo por vezes é associada pelo periódico à violação dos Direitos Humanos (CASTRO, p. 10). Mesmo assim, o apoio continuou a ser predominante.

Diferentemente de Huerta, a autora demarca como ponto de inflexão da percepção desses jornais quanto à Revolução o momento do desenvolvimento da Reforma Agrária²³ na Ilha em maio de 1959. Para a autora, a questão da propriedade foi o elemento chave para o desenvolvimento de mudanças na percepção do periódico (IDEM, P. 11), o que poderia ser identificado com a ampliação considerável de reportagens sobre essa questão. Nesse momento, a ausência de convocação de eleições e a permanência de um Congresso fechado teriam contribuído, ainda mais, para as críticas dos jornais de direita.

A partir dos meses de abril e maio de 1960 teria ocorrido uma associação cada vez maior de Fidel e da Revolução com o comunismo (CASTRO, p. 13). A aproximação entre Cuba e União Soviética marca a ampliação do temor da influência comunista, ainda que *El Mercurio* não afirme tacitamente a sua existência. Teria sido somente no ano de 1962, com a crise dos mísseis cubanos, que o apoio das direitas ao posicionamento dos Estados Unidos acompanhou a vinculação absoluta de Castro com uma ditadura comunista, terminando por se consolidar no plano discursivo das direitas chilenas (IDEM, p. 15). Javiera chega a estabelecer que essa consolidação da mudança teria ocorrido de forma diferenciada no plano político partidário e no âmbito as direitas midiáticas, espaços avaliados pela autora:

Como es posible apreciar, los argumentos anticomunistas no cambian mayormente de la derecha mediática a la declaración de los partidos en términos de asemejar al comunismo a una tiranía o ditadura, sin embargo, en las declaraciones de los partidos a veces se hace más explícito el temor de la exportación del modelo cubano, el cual ‘podría cambiar la estructura social que ellos deseaban mantener, principalmente en torno a la propiedad’ (IDEM, p. 16)

O jornal O Globo e o caso brasileiro

Uma quantidade mais expressiva de trabalhos aborda a recepção da Revolução Cubana na imprensa brasileira, com vários focando a “direita midiática”. Tondolo (2009), Mendes (2011), Carvalho (2014) e Ferraz (2019) centram suas atenções no período compreendido entre 1959 e 1961²⁴. Tondolo aborda a Revista *O Cruzeiro* e o jornal *Diário de Notícias*. Segundo a autora, esses periódicos ou se situavam no âmbito das direitas ou teriam migrado paulatinamente para esse espectro político. Carvalho, avalia um leque mais amplo de periódicos como *Tribuna da Imprensa*, *O Estado de S. Paulo*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*. Ferraz analisa especificamente o *OESP* e Mendes se debruça sobre o *Tribuna da Imprensa* e *O Globo*, sendo um dos únicos a abordar o último.

23 A primeira medida de reforma agrária foi encaminhada em maio de 1959, ainda em Sierra Maestra, nos locais controlados pelos rebeldes.

24 Todos esses autores apontam a grande presença de reportagens oriundas das Agências de Notícias, particularmente as norte-americanas, e o papel de correspondentes estrangeiros. No mesmo caminho vão Aelo e Branda. O trabalho de Sidicaro sobre *La Nación*, analisa especificamente os Editoriais do periódico. Já Castro, não tece nenhuma consideração quanto ao papel dessas agências de notícias nem mesmo menciona o papel de correspondentes estrangeiros

No Brasil, boa parte dos jornais, mesmo aqueles situados na direita midiática, acabou por receber positivamente as ações dos “jovens barbudos”. E ainda que *O Globo* apresentasse como referência, por diversas vezes veiculada em suas páginas, o movimento geral da região de combate às ditaduras, adotou por repetidas vezes uma posição dúbia em relação a isso. E, em relação especificamente à Revolução Cubana, condenou diversos aspectos do movimento liderado pelo M-26-07, destoando não apenas dos outros periódicos brasileiros (*OESP*, *Jornal do Brasil* e *Tribuna da Imprensa*), como também do argentino *La Nación* e do chileno *El Mercurio*. A presença de manchetes e reportagens que viam a Revolução como um movimento legítimo de resistência a um governo ditatorial não foi muito recorrente, ainda que o jornal manifestasse uma aceitação maior da violência por parte da oposição à Batista²⁵.

No ano de 1958 Castro não esteve de forma muito intensa nas manchetes desse jornal e a ênfase da abordagem recaiu sobre os aspectos mais gerais do processo de luta. Independentemente disso, a perspectiva desenvolvida era pouco positiva sobre os acontecimentos. A violência ocupava quase 50% das reportagens (MENDES, op. cit., p. 104) e a presença dessa temática estabelecia uma contraposição à perspectiva positiva dos acontecimentos em Cuba apresentada em boa parte dos periódicos. Se em jornais como *La Nación*, *El Mercurio* e mesmo o brasileiro *OESP* essa violência ganhava legitimidade diante da opressão do governo Batista, em *O Globo* apresentava atributos negativos aos que lutavam contra o ditador.

Diversas considerações associavam a violência que se desenvolvia no país não apenas ao governo Batista mas também aos grupos que, desde Moncada, confrontavam-se com a ditadura. A guerra então empreendida aparecia como potencializadora de uma onda de violência tão ou mais intensa que a imposta pelo governo Batista. Estaria a colaborar com a paralização das comunicações, da economia e obstaculizava o retorno à democracia ameaçando a realização das eleições marcadas para novembro de 1958. Dessa forma, Castro e o movimento rebelde eram caracterizados como corresponsáveis pelo banho de sangue então desenvolvido (Op. cit., 2011, p. 107).

Simultaneamente a esta imagem geral do processo revolucionário, as características pessoais do líder cubano também eram objeto de recriminação. As iniciativas de unidade através da criação da “Junta de Libertação”, articulada em Miami, teriam “fracassado graças à ação de Fidel” com uma carta na qual afirmava que “só o Movimento 26 de Julho teria feito a guerra à Batista” (MENDES, op. cit., p. 108). “Inflamado”, “impaciente” e “impulsivo seriam atributos da personalidade de Castro. Sequioso de poder, estaria a buscar o comando das Forças Armadas cubanas e o controle do movimento sindical, sinais de uma tirania “a la Perón”. A guerra total contra Batista era “de Fidel”, o ataque à Moncada era “de Fidel”, e os rebeldes também eram “de Fidel”. Sua vontade de confrontar-se no âmbito regional com as ditaduras se caracterizaria ainda como o perigo de anarquia e instabilidade no continente. Em grande medida Fidel é considerado nas páginas do jornal como autoritário e a potencialização da violência que ele conduzia seria um indício manifesto disso.

A partir de abril/maio desse ano, contudo, algumas poucas reportagens positivas começaram a pulular em *O Globo* dividindo progressivamente o espaço com o olhar ainda predominantemente negativo. A mudança de valoração em relação aos rebeldes e sua liderança foi um movimento gradual, tendência que parece se acentuar na medida em que Castro, internamente, se afirmava perante os demais. Ainda assim, ao final do ano, mesmo que com a presença de uma maior simpatia, a imagem de Fidel Castro era associada com a brutalidade da luta (Idem, p. 110).

Nos meses finais de 1958 e nos primeiros de 1959 observa-se uma mudança mais significativa. É nesse momento que passam a estar mais presentes em *O Globo* reportagens que assinalavam Castro como um líder envolvido “nas mais agitadas lutas políticas”, legendário não somente em Cuba, mas também “em face de toda a opinião pública mundial”. “Heróico em seu confronto”, seu comando passou a ser recorrentemente associado a

25 No ano de 1958, *O Globo* publicou cerca de 155 reportagens sobre a Revolução Cubana. Dessas, aproximadamente 76 faziam alusão à violência. Já as referências à democracia e ao movimento revolucionário como legítimo estiveram presente em 13 e 34 reportagens respectivamente.

uma legitimidade popular, fruto de sua liderança carismática. Castro passou a estar mais presente nas reportagens e editoriais com declarações nas quais aparecia negando qualquer vinculação com o comunismo (IDEM, p. 108).

Contudo, mesmos os elogios feitos a Castro pelo periódico, presentes sobremaneira entre janeiro e maio de 1959 foram assinalados com diversas ressalvas. Segundo o Jornal, o entusiasmo manifesto em outros periódicos e mesmo por políticos deveria ser acompanhado por uma séria precaução. A vitória da Revolução não significaria necessariamente estabilidade política e liberdade democrática. A argumentação era fundamentada na opinião de aliados do líder do M-26-07 que o viam com significativa desconfiança. A violência da luta parecia superar as considerações sobre seu “heroísmo” com a responsabilidade por essa situação recaindo mais uma vez sobre Fidel (IDEM, p. 109).

Entre fins de 1958 e maio do ano seguinte a relação de Castro com o comunismo também foi objeto de várias das reportagens publicadas pelo periódico brasileiro. A partir de então, duas possibilidades foram aventadas de forma mais recorrente pelo jornal. Na primeira, a aproximação crescente com os comunistas aparecia como fruto da ingenuidade do líder “barbudo”. Na outra, Castro aparecia como efetivo partidário do comunismo. Independentemente da perspectiva adotada, ambas apresentavam uma desqualificação do processo (infantilização) e seu perigo (comunização)

Em maio de 1959 volta a se estabelecer uma perspectiva predominantemente negativa. Já não se tratava apenas de ressalvas. E a partir de então, a negatividade atribuída à Fidel e ao movimento vitorioso contra a ditadura de Batista voltaram a assumir um caráter mais ostensivo. Líder “mal intencionado”, o que seria observável pela sua renúncia ao cargo de primeiro ministro por ocasião do embate estabelecido entre ele e Manuel Urrutia Lleo em julho, Castro estaria a utilizar-se de uma estratégia bem próxima a de Stalin, Hitler e Perón buscando o poder completo. A imaturidade do povo e as intenções da liderança cubana “decodificadas” pelo jornal brasileiro apresentavam-se como um cenário extremamente fértil para o estabelecimento do comunismo (IDEM, p. 110).

Jules Dubois, correspondente internacional de *O Globo*, em artigo de agosto de 1959, já insinuava um Castro dirigindo-se rumo ao comunismo por conta do crescente autoritarismo de seu governo. A sinceridade de Castro seria apenas aparente. No mês de novembro do mesmo ano, cresceu a tendência em afirmar a aproximação entre Fidel e o comunismo. A decisão em seguir essa direção já não era mais considerada como resultado da pressão popular, tal qual o líder apresentava em seus pronunciamentos públicos, mas sim resultado direto de uma sua determinação. Desta forma, apresentava um Castro determinado, abertamente comunista e profundamente autoritário. Dentro, portanto, da perspectiva de conjunção entre dois fatores já manifestados ao longo das reportagens desse período: comunismo e ditadura.

Em suma, a imagem construída de Fidel Castro no jornal *O Globo* ao longo dos anos de 1958 e 1959 foi predominantemente negativa. Mendes assinala que desde princípios de 1958 a perspectiva traçada pelo jornal sobre o líder da Revolução Cubana foi a de apresentá-lo, tanto em termos políticos como ideológicos, como um indivíduo associado com a violência e sedento de poder. Apesar do quadro sofrer uma relativa melhora nos dois meses de junho, julho de agosto de 1958, sendo amplificada nos meses iniciais de 1959, ainda assim continuou a vinculação do líder cubano com a prática da violência. Após a chegada ao poder do Movimento 26 de Julho, e ainda que algumas reportagens tenham desenvolvido um olhar mais complacente em relação à Fidel, uma série de ressalvas foram estabelecidas não somente sobre ele, mas também sobre o próprio movimento guerrilheiro e o novo governo. Mais uma vez a tônica das considerações recaía sobre a violência por vezes associada ao estabelecimento de uma ditadura, cada vez mais associada ao caminho de aproximação com o bloco socialista.

Nesse sentido, Mendes (2011) aponta que as associações de Castro e o movimento guerrilheiro migraram da condenação à violência à condenação ao seu comunismo. A Revolução e seu líder estariam seguindo os mesmos passos do ditador deposto: Fulgêncio Batista. Comparando o comportamento de *O Globo* com outros

periódicos em relação à recepção da Revolução, o jornal brasileiro apresenta um movimento diferenciado daqueles apresentados pelos analistas de *La Nación* e *El Mercurio* e mesmo de jornais brasileiros como *OESP*. Nesses, observa-se o desenvolvimento de uma perspectiva extremamente positiva no ano de 1958 e princípios de 1959, sucedida por um olhar cada vez mais crítico que teria culminado na afirmação de uma visão recriminadora associada à identificação do comunismo de Fidel e da Revolução. Importa assinalar, ainda, que, segundo as análises apresentadas, os periódicos teriam realizado mudanças de percepção em momentos diferentes.

Compreendendo a recepção positiva da Revolução

Os trabalhos aqui abordados que apresentavam como foco central a identificação das transformações nas representações sobre a Revolução Cubana pela direita midiática acabam por enfatizar pouco os motivos que teriam contribuído para a recepção positiva inicial (na maior parte dos casos) ou mesmo para as alterações na forma de interpretação dos acontecimentos cubanos. A compreensão desses fatores guarda grande relevância e colabora para entender não apenas o processo aqui abordado, mas também a história da região na década de 1950, período pouco abordado pela historiografia. Avaliar esses aspectos enseja a necessidade de considerar os diferentes elementos que se situam no plano regional da América Latina, mas também a forma pela qual os Estados Unidos relacionou-se com Cuba ao longo desses anos, bem como o entendimento do cenário interno nos países desses periódicos. Pretendo retomar as considerações feitas por esses trabalhos sobre essas questões e amplificar a avaliação, entrelaçando os diferentes fatores de causalidade bem como acrescentando outros.

Relativamente a esses fatores, entendo que quatro questões se apresentam relevantes: o internacionalismo democrático, o antiamericanismo latino-americano dos anos 1950, a adoção de um “política bifurcada” norte-americana em relação à América Latina e a transição do antipopulismo para o anticomunismo em cada um dos países em questão. Alguns desses elementos já foram assinalados nos trabalhos abordados, mas de forma superficial. Importa então observar as considerações de trabalhos cujo foco é a região como um todo.

Bethell e Roxborough (2001) assinalam que no continente americano, afetado pelo encaminhamento da vitória contra o eixo a partir de 1943 e a aliança entre EUA e URSS, teria se iniciado uma tendência à democratização. Chile, Uruguai, Costa Rica e Colômbia são citados pelos autores como possuindo os governos mais democráticos daquele momento. Em outros países como Peru, Equador, Cuba, México e Venezuela a democracia estaria a se ampliar. De outro lado, países como Brasil, Argentina e Bolívia emergiam de regimes ditatoriais. Essa “onda” democratizante teria se desenvolvido, segundo os autores, até os anos de 1947-1948 quando diversos acontecimentos acabaram por consolidar o desencadeamento da Guerra Fria²⁶.

Momentaneamente então, o anticomunismo se sobrepõe à prioridade dada a defesa da democracia na região, com uma forte ação norte-americana nesse sentido. No plano interno aos EUA, observa-se o desenvolvimento do Macarthismo. Já no plano externo, o apoio norte-americano à implementação de ditaduras na América Central e Caribenha foi a tônica. A ação ganha concretude no apoio ao estabelecimento da ditadura de Carlos Castillo Armas e deposição de Jacob Arbenz na Guatemala. Da mesma forma, a ação norte-americana também colaborou com a pressão política contra Vargas e a deposição de Perón com o estabelecimento da *Revolução Libertadora* (1955-1958) na Argentina (BETHELL/ROXBOROUGH, 2001; SCHOUTLZ, 1993; BANDEIRA, 1998). Esse movimento foi acompanhado no restante da região pelo estabelecimento da ilegalidade dos partidos comunistas em diversas nações.

A partir de 1953, o contexto internacional teria contribuído para a retomada da valorização da democracia por conta do refluxo da polarização da Guerra Fria graças a morte Stalin, o estabelecimento da

26 Dentre esses acontecimentos cito aqui a declaração de Churchill sobre a existência de uma Cortina de Ferro no leste europeu, o Plano Marshall e a Doutrina Truman.

trégua na Guerra da Coreia e um momento de relativo equilíbrio nuclear/militar entre as duas superpotências (EUA e URSS). Esse é o momento em que, segundo Javiera Castro, no Chile, as direitas chegaram a “autodefinirse por medio de la oposicion a los regímenes dictatoriales” e como promotoras da democracia (CASTRO, op. cit, p. 6), mesmo quando adotavam medidas antidemocráticas como a Ley Maldita no Chile. Para a autora, “las derechas repudiaban cualquier tipo de dictadura, sin importar que fuese de izquierda o de derecha, aunque exista un especial énfasis en desprestigiar mayormente la primera” (IDEM, p. 5).

Zamorano também assinala a predominância desse olhar crítico em relação às ditaduras ainda que apoiadas pelos Estados Unidos e com base na argumentação da ameaça comunista. E aponta a existência de um “rechazo generalizado contra los dictadores ‘cruels y fascistoídes’” que marcou a região pelos idos dos anos 1950 (ZAMORANO, 2005, p. 46). Segundo Aelo/Branda, as reportagens de *La Nación* assinalam que a derrota de Batista faria parte de um processo mais amplo e era compreendida “en términos del avance inexorable de la democracia” (op. cit., p. 112.). Existiria, nesse momento,

una tendencia por las noticias de carácter político-democrático, las cuales destacan el valor de las libertades democráticas y por consiguiente, manifestaban su apoyo a los pueblos que luchaban en contra de sus dictaduras (Idem, p. 5).

Em *O Globo*, a mesma questão aparece. Observa-se a apresentação do movimento revolucionário cubano e de Fidel Castro vinculados com a luta pela democratização do país e o estabelecimento da democracia. E a participação de Fidel na assinatura do Pacto de Caracas se caracterizava, nas páginas do jornal, como um sinal de avanço democrático.

E é na segunda metade dos anos 1950 que observa-se um novo avanço na queda de ditaduras com o término dos governos de Manoel Odría no Peru (1956), Gustavo Rojas Pinilla na Colombia (1957) e Marcos Pérez Jiménez na Venezuela (1958). O fim dessa última ditadura, inclusive, teria sido um importante referencial na percepção da tendência predominante na região. Foi justamente nesse contexto que se afirmou o desenvolvimento de uma efêmera frente entre Cuba, Costa Rica e Venezuela, assinalada por Boersner (2004) e Bandeira (1998), com o objetivo de combater as ditaduras na área.

Segundo ainda Boersner, a tendência teria prevalecido pelo menos até fins de 1959 e princípios do ano seguinte, quando da ocorrência da V e da VI Reunião de Consulta dos Chanceleres Americanos (op. cit., p. 206). A queda da ditadura de Pérez Jimenez e a militância política pela democracia por parte da Costa Rica de José Figueres “conformó una tensión particular entre las dictaduras personalistas y caudillescas de viejo cuño por una parte y los Estados democráticos por la otra” (HUERTA, op. cit., p. 146). E chegaram a um climax com o conflito entre Venezuela e República Dominicana quando, em junho de 1960, “el automóvil en el que se desplazaba el Presidente Betancourt fue volado por una bomba”, desencadeando “una oleada de indignación por Latinoamérica, ya que existían pruebas, al parecer bastante convincentes, que incriminaban a Trujillo como instigador del atentado”. No entanto, já na sexta reunião teria se iniciado uma migração da defesa da democracia em direção ao intervencionismo (IDEM, p. 196).

E é nesse sentido, de oposição às ditaduras, que o enquadramento positivo da Revolução Cubana se efetiva, colocando a condenação ao regime de Batista no mesmo patamar que a recriminação da ditadura pessoal de Perez Gimenez (Venezuela), de Alfredo Stroessner (Paraguai) e Rafael Trujillo (Republica Dominicana). E *La Nación*, *O Globo* e *El Mercurio* teriam captado, em suas páginas, esse internacionalismo democrático.

De forma contemporânea a esse processo, e como contracapa do mesmo, desenvolveu-se nos anos 1950 um significativo antiamericanismo, identificado por autores como Schoultz, Bandeira e Boersner, todos utilizando

documentação significativa. Se nos anos 1960 o antiamericanismo enquanto discurso esteve associado normalmente a um posicionamento das esquerdas latino-americanas, o mesmo não pode ser assinalado quando o foco recai sobre os anos 1950, momento em que compôs também a retórica de grupos situados à direita política e midiática.

Diversos fatores contribuíram para isso e remontam também ao término da II Guerra. O envolvimento dos países da região no conflito mundial desenvolveu-se, principalmente, através do fornecimento de insumos primários estratégicos aos aliados, geralmente, a preço de custo. Com o término do conflito, esses países apresentavam expectativas de contrapartida ao apoio dado no plano econômico. Além disso, esperavam um auxílio mais robusto por parte dos EUA. Algo semelhante ao Plano Marshall e que fosse destinado aos parceiros que haviam cooperado com a finalização do conflito de forma favorável à uma das duas superpotências que emergiam do confronto mundial. Afinal, existia uma promessa feita pelo Presidente Truman nesse sentido. Os recursos prometidos para financiar a produção, que se originariam do FMI e do Banco Mundial não chegaram (THORP, 2005) e o o Ponto IV – plano de auxílio destinado à região, converteu uma soma de recursos irrisória. Isso teria provocado a ira, inclusive, de setores das direitas no subcontinente (SCHOUTZ, 2000, p. 136). Boersner chega a assinalar a existência de um “fermento rebelde” na infra-estrutura econômica presente nos núcleos empresariais independentes e nacionais, provocado pela insatisfação com “las relaciones existentes con el centro imperial norteamericano y sus poderosos grupos económicos” (2014, p. 201).

No plano político, as iniciativas norte-americanas desenvolvidas com intensidade cada vez maior após o término da II Guerra Mundial que apresentavam como referência o suposto expansionismo soviético, gravitaram em grande medida em torno do apoio dos EUA ao estabelecimento de ditaduras afinadas aos seus interesses na região. E Moniz Bandeira afirma que, a partir da intervenção efetuada pelos Estados Unidos na Guatemala em 1954, teria se ampliado o antiamericanismo no continente. Referindo-se à Guatemala, o autor afirma que o apoio sistemático dado pela CIA à implementação de uma ditadura, ainda que não tenha contado com a presença de tropas norte-americanas, provocou diversas manifestações de repúdio em toda região. Contudo, este não teria sido o único motivo. A “colaboração” dada pelos embaixadores norte-americanos, tanto às pressões que levaram ao suicídio de Vargas quanto à deposição de Perón, foi vista como intervenção americana de fato e tiveram repercussão regional significativa.

No entanto, o antiamericanismo não foi objeto de registro nas páginas dos jornais aqui abordados. Ainda assim, desde princípios da década foi percebido pelos homens da política externa norte-americana, o que resultou em uma primeira viagem do irmão do Presidente, Milton Eisenhower, ainda em 1952, para avaliar o estado em que se encontrava a região. A preocupação fundamentava-se no assassinato de vários ditadores apoiados pelos EUA (BOERSNER, op.cit., p. 204). Outras duas viagens foram feitas por Milton Eisenhower em fins da década²⁷ e a constatação foi a de que a aversão aos americanos do norte havia se ampliado. Posteriormente, a viagem do Vice-Presidente Richard Nixon ao subcontinente teria ratificado e aprofundado a percepção anterior diante da hostilidade com a qual foi recebido em diversos países da América do sul. Manifestações de pura insatisfação aconteceram em Buenos Aires e Montevideu, mas em cidades como Lima e Caracas os protestos contra a presença do representante do governo norte-americano atingiram “caráter de motin”.

Embora aqui os protestos apresentassem nitidamente um caráter popular, existia também um descontentamento latente dentre as elites. Analisando a política externa chilena daquele período Huerta chega a citar a existência de ocasiões de resistência à hegemonia norte-americana na região (OP. CIT., p. 119) e Aedo e Branda assinalam as pretensões de alguns governos em estabelecerem mecanismos de diálogo e cooperação com o novo governo cubano nos anos iniciais da Revolução, apesar do crescente distanciamento entre a Ilha e o governo dos Estados Unidos (OP. CIT., p. 123).

²⁷ A primeira viagem foi em 1952, logo após a posse. A segunda em 1957 e a terceira no início de 1958.

Parte da Imprensa escrita dos Estados Unidos observou o desenvolvimento da Revolução Cubana dentro da ótica que considerava a resistência à Batista sob o prisma da Guerra Fria, em uma região que muitos estadunidenses consideravam como “quintal norte-americano”. *O Globo* seria um dos periódicos latino-americanos que teria seguido essa linha. Mas um segmento significativo dos jornais estadunidenses, dentre esses o *New York Times*, percorreu caminho diverso, desenvolvendo um olhar simpático aos acontecimentos que se desenrolavam na Ilha²⁸. O mesmo pode ser indicado quanto a tantos outros periódicos latino-americanos, dentre os quais *La Nación* e *El Mercurio*.

A questão do antiamericanismo apresenta-se associada, ainda, ao desenvolvimento da política bifurcada. Após as manifestações claras de antiamericanismo ocorridas na viagem de Nixon em 1958, uma discussão sobre a forma de pensar e tratar a América Latina passou a estar presente dentro do governo desse país. Apesar de Nixon ter voltado atrás na sua análise inicial de que existiria uma grande probabilidade de que o descontentamento fosse provocado pela desigualdade social e pelo subdesenvolvimento, imputando posteriormente às manifestações uma “inspiração comunista”, outros foram os que defenderam a primeira perspectiva dentro do governo. Afirma Schoutz que, em uma das reuniões com o Presidente, o

subsecretário Murphy argumentou que os Estados Unidos precisavam parar de culpar o comunismo, e o irmão do presidente estava ao lado de Murphy: o relatório longamente esperado de Milton Eisenhower incluía uma admissão de que os Estados Unidos haviam ‘dado apoio a ditadores latino-americanos a despeito da forte tendência à liberdade e governo democrático’, e esta prática tinha que parar. (SCHOULTZ, op. cit., 391).

A partir de então, o debate sobre a política externa norte-americana apresentou-se dividido nos governos Eisenhower e Kennedy, observando-se o desenvolvimento de dois caminhos trilhados simultaneamente, pelo menos até 1965, para buscar recuperar o prestígio perdido logo após o término da II Guerra Mundial. A preocupação estava direcionada, neste sentido, não somente aos acontecimentos cubanos, embora o desencadeamento da Revolução tenha estimulado ainda mais os Estados Unidos a enfrentarem, de forma relativamente diferenciada, o crescimento do antiamericanismo nas Américas Central, caribenha e do Sul.

De um lado e desde fins da década de 1940, o mapeamento das manifestações de antagonismo ou mesmo tão somente de divergência era compreendido a partir da lógica da ameaça do comunismo. De outro, com a ampliação do antiamericanismo na área, o governo norte-americano passou a considerar, lentamente, a necessidade de mudanças nessa perspectiva. Passou, então, a avaliar também que a insatisfação em relação à potência hegemônica seria fruto do equívoco quanto ao fornecimento de recursos para os países abaixo do Rio Grande, dos problemas econômicos e da ampliação da miséria que a região enfrentava naquele momento. Fossem complementares - segundo Donghi, Gerson Moura e Alain Rouquié -, ou antes rivais - segundo Schoutz e Mendes (2011b) -, estas políticas coexistiram num dado momento e provocaram uma relativa indefinição quanto aos rumos que o governo norte-americano dava ao relacionamento com os países latino-americanos (MENDES, 2011, p. 205).

A indeterminação da política externa norte-americana em relação à Ilha é uma questão que deve ser considerada quando avaliamos as referências a partir das quais nesses periódicos analisaram a Revolução. Aelo e Branda (op. cit., p. 116 e 117) chegam a identificar que *La Nación* acabou por acompanhar a oscilação do tratamento dispensado pelo governo norte-americano à Ilha. E assinalam que o resultado da ausência de clareza quanto a um possível domínio do comunismo na “realidade cubana” teria contribuído para iniciativas muitas vezes contraditórias.

A análise sobre *O Globo* indica um agendamento intermídia resultante da grande presença de notícias oriundas das agências noticiosas norte-americanas que predominavam no periódico, em especial a *AP* e a

28 Um claro exemplo disso foi a reportagem feita por Herbert Matheus com Fidel Castro no começo de 1958.

*UPI*²⁹. E indicam, ainda, um certo acompanhamento quanto ao desenvolvimento do noticiário mais conservador oriundo dos Estados Unidos. No entanto, apesar da grande presença de articulistas estrangeiros, em especial norte-americanos, e das agências noticiosas *AP* e *UPI*, o fato não é por si só definidor do posicionamento dos periódicos nesse momento. Ao abordar o *OESP* e o *Tribuna da Imprensa* Ferraz (2019) e Mendes (2011), constataam o grande abastecimento de notícias por parte das agências noticiosas, mas que redundaram em posicionamentos mais autônomos desses jornais.

Tão importante quanto o internacionalismo democrático, o antiamericanismo e a política bifurcada norte-americana são os cenários internos a esses três países. Javiera Castro assinala que no ano de 58 existiria uma perspectiva positiva das direitas por considerarem esses setores a existência de uma tendência eleitoral favorável ao seu campo político na região (CASTRO, op cit., P. 8). De fato, se pensarmos especificamente nos três casos nacionais aqui abordados, esse é um dado que deve ser considerado. No Chile, por exemplo, o ano de 1958 marcou a chegada ao poder de Jorge Alessandri em novembro daquele ano. Liderando uma coalizão composta pelos partidos Liberal e Conservador, ambos de direita³⁰, o governo Alessandri possuía uma base que possibilitava a implementação de boa parte das propostas do grupo político que chegava ao poder o que estimulava, sem dúvida, essa perspectiva das direitas.

Na Argentina, apesar desse ano marcar o fim de quase três anos da denominada *Revolução Libertadora* que havia deposto Juan Perón, havia uma grande expectativa dentre as direitas quanto ao resultado das medidas “saneadoras” em relação ao peronismo, dentre essas a proscricção do Justicialismo. Essa convicção calcava-se na ideia de que bastava um processo de “educação política”, o afastamento do antigo líder e dos instrumentos políticos que lhe davam suporte para que o país se visse “livre do populismo”, representado principalmente pelo peronismo. No entanto, a ocorrência de levantes militares dentre os setores mais radicais das direitas, pode ser observada na Argentina ao longo do governo de Arturo Frondizi. E, para atenuar a insatisfação militar, o governo implementou o Plano Comminentes.

Em relação ao caso brasileiro o predomínio das direitas no ano de 1958 deve ser relativizado. O país se encontrava governado por um dos herdeiros do getulismo desde 1956, o que ocasionava uma apreensão significativa dentre grupos restritos da direita radical que se manifestou através de episódios militares como Jacareacanga e Aragaças. Contudo, Kubstcheck era oriundo do setor mais conservador do getulismo e vinha apresentando sistemáticas declarações anticomunistas ao longo dos primeiros anos de governo. Também procurou se despojar de qualquer roupagem ideológica getulista ao adotar um estilo “não dogmático e ideológico” (SKIDMORE, 1982, P. 214), o que teria tranquilizado boa parte das direitas nos primeiros anos de seu governo. Exceto a direita Lacerdistas, cuja influência aumentava dentro da UDN.

De outro lado, o parlamento brasileiro ainda se encontrava confortavelmente controlado por setores das direitas políticas, com predomínio de partidos como UDN, o segmento mais conservador do PSD e outros partidos menores tais como o PSP de Ademar de Barros (FIGUEIREDO, 1993, p. 88; SOUZA, 1990, P. 143) Mesmo nas eleições de 1958, com aumento do número de representantes do PTB no Congresso, o grupo de candidatos da esquerda radical foi derrotado” (SKIDMORE, op. Cit., P. 216) e as elites oligárquicas do interior do país ainda achavam-se super-representadas (Idem, p. 219). Além, disso, afirma Moreira, embora o governo JK tivesse a presença do PTB em sua base de apoio, o PSD possuía um perfil majoritariamente conservador, tal como o próprio Presidente (2003, p. 165). Afirma a autora ainda que a “oligarquia rural, embora não fosse mais hegemônica”, estava longe de ser um setor “politicamente inexpressivo, passivo e refratário em relação aos grandes acontecimentos da época” (op. Cit, p. 190).

29 A primeira, Associated Press, foi fundada em 1846 fruto da associação de cinco jornais de Nova York. De outro lado, a United Press International resultou da fusão da UP com a Internacional News Service (INS) em 1959. Sobre as agências de notícias internacionais ver REYES (1980)

30 Posteriormente a frente contaria com a presença do Partido Radical, de centro.

Analisando de forma comparativa, o Chile apresentava uma situação mais confortável para as direitas do que na Argentina e no Brasil. Esse fator foi importante para que, somente nas eleições de 1964, a questão cubana entrasse em pauta de forma mais intensa e assinalada com o verniz do anticomunismo, segundo assinala Huerta. E isso fica manifesto também na quase ausência de associações entre os acontecimentos desenvolvidos na ilha com o comunismo, como atesta a análise de Javiera Castro quando aborda não somente *El Mercurio*, mas também outros periódicos da direita midiática chilena: *La Nación* e *El Diario Ilustrado*.

De outro lado, nos outros dois países, o contexto interno indica a existência de uma supremacia do antipopulismo sobre o anticomunismo como principal mal a ser combatido pelas direitas. Na década de 1950 o anticomunismo, ainda que cada vez mais estivesse na ordem do dia, tão somente secundava as preocupações desses setores. A proscrição do partido comunista argentino ocorrida em 1958, pode ser considerada como marco nesse país, com o governo Frondizi caracterizando uma transição entre essas duas preocupações centrais das direitas argentinas. E para o caso brasileiro, o Programa de 1957 do partido que teve o antivarguismo como eixo central de sua estruturação, é indicativo dessa fase de transição. A UDN, de forma diversa do que apresentou na Declaração de 1964, apontava como inimigos centrais tanto o comunismo quanto o reacionarismo. E na concepção do partido, o varguismo seria representativo dessa última posição dada a sua suposta aproximação com os fascismos.

Importa assinalar que o contexto interno não é um fator determinante das ações e opções políticas mas tão somente contribui para o campo de possibilidades a partir do qual os atores políticos tem a possibilidade de traçar suas escolhas, suas opções de acordo com as percepções da realidade, bem como de sua visão de mundo (VELHO, 1989). E é nesse sentido, que os periódicos adotaram avaliações variadas quanto aos acontecimentos que se desenvolviam em Cuba, utilizando-se de releituras em relação a esse contexto. *La Nación* associava positivamente o papel desempenhado pelo M-06-07 em Cuba com o aquele praticado pelos militares na Argentina ao longo da *Revolução Argentina* na busca pela consolidação da “democracia”. Já *O Globo* acabou por adotar uma postura mais incisivamente condenatória em relação ao que acontecia em Cuba.

Considerações finais

Os aspectos que envolvem a mudança de valoração sobre a Revolução Cubana não foram resultado somente de uma reação quanto ao desenvolvimento do que acontecia na ilha e do embate crescente com os Estados Unidos. Fatores como o internacionalismo democrático, o antiamericanismo latino-americano e a oscilante política externa norte-americana em relação à região somam-se ao cenário interno de cada uma dessas nações. Essas questões influíram diretamente nas diferentes percepções que foram construídas nas páginas dos periódicos acerca da Revolução em Cuba e seus desdobramentos.

De outro lado, o crescimento da perspectiva negativa sobre a Revolução Cubana apresenta-se como indício de uma relevância cada vez maior do anticomunismo como elemento de referência para analisar a realidade, assinalando a sobreposição da dicotomia democracia X fascismo pela oposição democracia X comunismo.

Por último, importa assinalar a necessidade de aprofundamento nas análises sobre a forma pela qual construíram-se as representações sobre o evento (os) cubano (os) na imprensa. A abordagem aqui desenvolvida indica a carência de trabalhos específicos sobre a maneira pela qual principalmente *La Nación* e *El Mercurio* elaboraram suas perspectivas sobre Cuba.

Referências Bibliográficas

- AELO, Oscar H; BRANDA, Pablo Pérez. “La Revolución Cubana en el diario argentino ‘La Nación’: euforia, decepción, condena (1959-1962)”. *Estudios Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 105-126, jul./dez. 2009
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel – a Revolução Cubana e a América Latina*. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998.
- BETHELL, Leslie e ROXBOROUGH, Iam. *A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. 2ª Edição. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2001
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*. Rio de Janeiro, Mauad, 2007
- BOERSNER, Demetrio. *Relaciones internacionales de America Latina – Breve Historia*. 5ª Edição. Caracas, Nueva Sociedad, 1996.
- BOHOSLAVSKY, Ernesto; VICENTE, Martin. “Sino el espanto: Temas, prácticas y alianzas de los anticomunismos de derecha en Argentina entre 1955 y 1966”. *Anuario del Instituto de Historia Argentina*, nº 14, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Difel, 1989.
- BOZZA, Juan Alberto. “La sombra de la Revolución cubana - Anticomunismo y nueva izquierda en la Argentina de los primeros años sessenta”. CISH/ IdIHCS/ FaHCE/ UNLP. *IX Jornadas de Sociología de la Universidad Nacional de La Plata* (UNLP)
- CARVALHO, Andreia de Souza. *De Revolução salvadora à conspiração maligna. Simbologias da Revolução na imprensa brasileira*. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004. Dissertação de Mestrado
- CASTRO, Javiera. “La influencia de la Revolución Cubana em el imaginário de las derechas política y mediática, 1958-1962”. In: *Serie Documentos de Trabajo – Programa de Historia de las Ideas Políticas en Chile Facultad de Ciencias Sociales e Historia – Universidad Diego Portales*, mazo de 2014. Disponível em <http://ideaspoliticas.icsoc.cl>
- CORREA, Sofia. *Con las riendas del poder - la derecha chilena en el siglo xx*. Santiago, De bolsillo, 2011.
- DONGHI, Tulio H.. *La democracia de masas*. 2ª Edição. Buenos Aires, Paidós, 2000
- _____. *História da América Latina*. 3ª Edição. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- DREIFUSS, René Armand. *1964 – a conquista do Estado*. Petrópolis, Editora Vozes, 1981.
- FAUSTO, Boris & DEVOTO, Fernando *Brasil e Argentina – um ensaio de história comparada (1850-2002)*. 2ª Edição. São Paulo, Editora 34, 2004
- FERRAZ, Raphael M.. *O Fausto das Antilhas: A Revolução Cubana nas Páginas do OESP*. In: SALES, Jean; ARAUJO, Rafael; MENDES, Ricardo; SILVA, Tiago. *Revolução Cubana – ecos, dilemas e embates na América Latina*. Aracaju, IFS, 2019.
- FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. *Democracia ou reformas– alternativas democráticas à crise política*. São Paulo, Paz e Terra, 1993.
- HEREDIA, Mariana. “La identificación del enemigo. La ideología liberal conservadora frente a los conflictos sociales y políticos em los años sesenta”. In: *Sociohistórica, Universidad Nacional de La Plata. Facultad de*

Humanidades y Ciencias de la Educación - Centro de Investigaciones Socio Históricas, nº 8, 2000. Disponível em: <http://www.sociohistorica.fahce.unlp.edu.ar/>

HUDSON, Carlos, “Cuba y el pánico derechista: ¿el derrocamiento de Frondizi es un golpe anticomunista o antiperonista?”, em: BOHOSLAVSKY, Ernesto y ECHEVERRÍA, Olga (eds.) *Las derechas en el cono sur; siglo XX. Actas del sexto taller de discusión*, Los Polvorines, 2015, pp. 44-64. Disponible en www.ungs.edu.ar/derechas

HUERTA, Joaquin Fernando. “Chile y la cuestión cubana – 1959-1964”. In: *Historia*, Santiago, 17, 1982, 113-20. Instituto de Historia Argentina, nº 14. En Memoria Académica, 2014, Disponible en: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.6731/pr.6731.pdf

LIMA, Venicio A.. “A direita e os meios de comunicação”. In: : Sebastiao Velasco e Cruz, Andre Kaysel, Gustavo Codas (organizadores). *Direita, volver! : o retorno da direita e o ciclo político brasileiro* – Sao Paulo : Editora Fundacao Perseu Abramo, 2015.

MAGNOLO, Talita Souza; PEREIRA, Aline Andrade. “O papel desempenhado pelo jornal O Globo ao golpe de 64”. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste* – Salto - SP – 17 a 19/06/2016. UFJF, Juiz de Fora, MG

MARTINS, Fernanda Tondolo. “Anos 1960 e a recepção da Revolução Cubana no Brasil: jornal Diário de Notícias e Revista O Cruzeiro”. In: Claudia Wasserman.. *A Revolução Cubana – 50 anos de imprensa e história no Brasil*. Porto Alegre, Edições EST, 2009

MATTA, Fernando Reyes (org). *A informação na Nova Ordem Internacional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

McCOMBS, Maxwell. *A teoria da Agenda – a mídia e a opinião pública*. Petrópolis, Vozes, 2009.

MENDES, Ricardo A S. “Por Dentro da Notícia: Fidel Castro nas Páginas dos Jornais Cariocas”. In: Jorge Ferreira. (Org.). *O Rio de Janeiro nos Jornais - ideologias, culturas políticas e conflitos sociais*. 1ed. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2011, v. , p. 102-121.

_____. “A Revolução Cubana e a Política Política Bifurcada norte-americana”. *Latinidade* (Rio de Janeiro). , v.3, p.201 - 218, 2011b.

_____ e CALEGARI, Ana Paula Cecon. “Combate al sectarismo: dissidências e embates políticos ao longo da Revolução Cubana (1959-1964)”. *Vitória, Dimensões*, v. 35, jul.-dez. p. 366-390, 2011.

_____ e VENTAPANE, J.. “Jules Dubois: imprensa e ativismo político nos anos da revolução Cubana”. In: SALES, Jean; ARAUJO, Rafael; SILVA, T. *Revolução Cubana – ecos, dilemas e embates na América Latina*. Aracaju, IFS, 2019.

_____. *Visões das Direitas no Brasil (1961-1965)*. Rio de Janeiro, Editora Multifoco/FAPERJ, 2021.

MOREIRA, Vania M. L.. “Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural”. In: Jorge Ferreira e Lucilia de Almeida Neves Delgado. *O Brasil Republicano – o tempo da experiência democrática*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003, vol. 3, 155-194.

MOTTA, Rodrigo P. S. “A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969”. In: *TOPOI*, v. 14, n. 26, jan./jul. p. 62-85, 2013. | www.revistatopoi.org

- NOVARRO, M. y P., Vicente (comp.). *História Argentina – La dictadura militar – 1976-1983. Del golpe de Estado a la restauración democrática*. Buenos Aires, Paidós, 2003
- ROMERO, Luis Alberto. *Historia contemporánea da Argentina*. 2ª Edição ampliada. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006
- SALAS, E. . *Uturuncos – el origen de la guerrilla peronista*. B. Aires, Ed. Biblios, 2003
- SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos – poder e submissão*. Tradução: Raul Filker. São Carlos: Edusc, 1999.
- SIDICARO, Ricardo. *La política mirada desde arriba. Las ideas del diario La Nación – 1909-1989*. Buenos Aires, Sudamericana, 1993
- SKIDMORE, T.. *Brasil, de Getúlio a Castelo*. 11ª Edição. Petrópolis, Paz e Terra, 1982.
- SOMAVIA, J.. “A estrutura transnaional de poder e a informação internacional”. In: MATTA, F. R.. *A informação na Nova Ordem internacional*. RJ, Paz e Terra, 1980
- SANTOS, Emanuel dos. A imprensa chilena, o jornal El Mercurio e o golpe civil-militar de Pinochet (1973). In: *Rev. Hist. UEG - Porangatu*, v.5, n.2, p. 307-328, ago./dez. 2016
- SOTO, Angel. *El Mercurio y la difusión del Pensamiento Político Económico Liberal (1955- 1970)*. 2ª Edición. Santiago, Centro de Estudios Bicentenario, 2003.
- SOUZA, M. do C. C. *Estados e Partidos políticos no Brasil*. S. Paulo, Alfa-Ômega, 1990.
- THORP, Rosemary. “As economias latino-americanas - 1939–1950”. In: Leslie Bethell. *História da América Latina: A América Latina após 1930 – economia e sociedade*. Vol 6. São Paulo, EDUSP, 2005, 83-110.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
- VITALE, Maria A.. “Memoria y acontecimiento – La prensa escrita argentina ante el golpe militar de 1976”. In: *Historia Política.com – Programa Buenos Aires de História Política del siglo XX*.
- YOCELEVZKY, Ricardo. *Chile: partidos políticos, democracia y dictadura 1970-1990*. Mexico (DF), Fondo de Cultura Económica, 2002
- ZAMORANO, Eduardo. *Peronistas Revolucionarios: un analisis político del apogeo y crisis de la organización Montoneros*. Buenos Aires, Distal, 2005.
- ZIMMERMANN, Eduardo. La prensa y la oposición política en la Argentina de comienzos de siglo. El caso de La Nación y el Partido Republicano. *Estudios Sociales, Revista Universitaria semestral*, año VIII, Nº 15, Santa Fé, Argentina, 2º semestre de pags 45-70, 1998.

Perspectivas das direitas midiáticas no cone sul sobre a Revolução Cubana nos anos 1950

Resumo

Procuo avaliar as trajetórias de interpretação sobre a Revolução Cubana percorridas por periódicos como *La Nación*, *El Mercurio* e *O Globo*. Partindo tanto da bibliografia que analisa a recepção que esses jornais tiveram sobre o processo revolucionário, quanto da produção bibliográfica relativa à América Latina nos anos 1950, o objetivo é indicar não apenas a existência de diferentes percursos. Assinalo ainda que os aspectos que envolveram a mudança de percepção sobre a Revolução, de positiva para negativa, não foi resultado tão somente de uma reação quanto ao que acontecia na ilha e do embate crescente com os Estados Unidos. Para uma melhor compreensão desse processo é importante considerar questões como o internacionalismo democrático, o antiamericanismo abaixo do Rio Grande e a oscilante política externa norte-americana em relação à região nos anos 1950, que se somam aos diferentes

cenários internos de cada uma dessas nações. A perspectiva aqui presente leva em consideração que a imprensa, mais do que um instrumento nas mãos de determinados atores políticos, caracteriza-se por ser ela mesma um ator de relevância que se utiliza dos recursos que dispõe e de seu poder simbólico para fazer valer seus interesses políticos, econômicos e ideológicos.

Palavras-Chave: Direitas midiáticas - Cone Sul – Revolução Cubana - Anticomunismo

Perspectives of media rights in the southern cone on the Cuban Revolution in the 1950s

Abstract

I try to evaluate the trajectories of interpretation about the Cuban Revolution covered by periodicals such as *La Nación*, *El Mercury* and *O Globo*. Starting both from the bibliography that analyzes the reception that these newspapers had about the revolutionary process and the bibliographic production related to Latin America in the 1950s, the objective is to indicate not only the existence of different paths. I also note that the aspects that involved the change of perception about the Revolution, from positive to negative, was not only a result of a reaction as to what was happening on the island and the growing clash with the United States. For a better understanding of this process, it is important to consider issues such as democratic internationalism, anti-Americanism below rio grande and the oscillating U.S. foreign policy in relation to the region in the 1950s, which add to the different internal scenarios of each of these nations. The perspective present here takes into account that the press, more than an instrument in the hands of certain political actors, is characterized by being itself an actor of relevance that uses the resources it has and its symbolic power to assert its political, economic and ideological interests.

Keywords: Rightwing press – southern cone - Cuban Revolution – Anti-communism

Perspectivas de los derechos de los medios en el cono sur sobre la revolución cubana en la década de 1950

Resumen

Intento evaluar las trayectorias de interpretación sobre la Revolución Cubana cubiertas por publicaciones periódicas como *La Nación*, *El Mercurio* y *O Globo*. Partiendo tanto de la bibliografía que analiza la recepción que estos periódicos tuvieron sobre el proceso revolucionario como la producción bibliográfica relacionada con América Latina en la década de 1950, el objetivo es indicar no sólo la existencia de diferentes caminos. También observo que los aspectos que implicaban el cambio de percepción sobre la Revolución, de positivo a negativo, no sólo fueron el resultado de una reacción en cuanto a lo que estaba sucediendo en la isla y el creciente choque con los Estados Unidos. Para una mejor comprensión de este proceso, es importante considerar cuestiones como el internacionalismo democrático, el antiamericanismo por debajo de rio grande y la política exterior oscilante de Estados Unidos en relación con la región en la década de 1950, que se suman a los diferentes escenarios internos de cada una de estas naciones. La perspectiva aquí presente tiene en cuenta que la prensa, más que un instrumento en manos de ciertos actores políticos, se caracteriza por ser un actor de relevancia que utiliza los recursos que tiene y su poder simbólico para hacer valer sus intereses políticos, económicos e ideológicos.

Palabras-Clave: Derecha midiática – Cone Sul – Revolution Cubana – Anticomunismo